

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

MEMÓRIA E HISTÓRIA DA MATINHA: MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA DA COMUNIDADE NEGRA RURAL DE MATINHA DOS PRETOS COMO FONTE PARA A HISTORIOGRAFIA DA ESCRAVIDÃO EM FEIRA DE SANTANA

Railma dos Santos Souza¹; Lucilene Reginaldo²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: railmass@gmail.com
2. Orientadora, Professora Adjunta do DCHF-UEFS, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lureginaldo@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Matinha dos Pretos; Escravidão; Memória

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a escravidão baiana concentram-se, em sua maioria, na cidade de Salvador e no Recôncavo do estado, o semi-árido, bem como o sertão ainda ocupa lugar de pouco destaque na história da escravidão baiana. Em seu trabalho Rollie Poppino coloca que não foram os europeus os primeiros a fixarem moradia na gleba que se tornaria o município de Feira de Santana, ao chegarem estes a encontraram habitada por índios Aimoré e Paiaíá, além da presença em apreciável quantidade de negros nas vizinhanças da serra das Itapororocas¹ e Orobó², moradores de quilombo existentes no século dezessete, que fora destruído pelos criadores de gado e os negros que lá moravam morreram ou foram escravizados³. Tal afirmação traz à tona a participação do elemento negro na formação de Feira de Santana bem como a existência de quilombos na região. O trabalho de Flaviane Ribeiro mostra a importância da cidade de Feira de Santana não apenas como território de trânsito de gado e produtos agrícolas, mas, conforme descreve: “Feira de Santana foi fundamental no comércio regional de seres humanos, o que denota que a sua vocação comercial contemplava um leque diversificado de *mercadorias*”.

A comunidade de Matinha dos Pretos surgiu na fazenda Candeal, propriedade de Antônio Alves, que, como testemunham os registros históricos, foi dono de terras e de mão de obra de africanos/as e afro-brasileiros/as escravizados/as. Nas memórias da comunidade sobre a origem do povoado emergem narrativas sobre revoltas cotidianas contra a escravidão: colocar cobras dentro das botas, sob as camas, colchões e cobertas de seus senhores; ou fugindo e escondendo-se numa área de mata cerrada e pequena, a matinha, daí a provável origem do nome Matinha dos Pretos. (Nascimento, 1997) Assim, segundo a tradição oral, a formação da comunidade remonta ao período da escravidão e da resistência a esta. Os relatos dos moradores definem a Matinha como um quilombo, do século XIX até meados do século XX.

¹ Atual Maria Quitéria.

² Atuais Rui Barbosa e Itaberaba.

³ Poppino, p.79.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

Há na memória local relatos de uma epidemia de peste bubônica, em 1922, disseminada na localidade de Jacu, pertencente ao atual distrito de Matinha, que culminou na promessa de uma moradora da região à São Roque. Assim foi prometido que se a epidemia não se alastrasse até a comunidade de Matinha esta mandaria fazer um cruzeiro em sua homenagem, não chegando a epidemia até a localidade, a moradora, identificada na memória local por D. Antônia, cumpriu com a sua promessa, o que levou à seqüente fundação da capela da Matinha e a construção de casas nos seus arredores. Esse parece ter sido o núcleo inicial de formação da atual comunidade de Matinha, sede do distrito de mesmo nome.

Este estudo visa contribuir para a investigação da história da escravidão e da experiência de escravos e egressos da escravidão na região de Feira de Santana, bem como nas relações raciais no pos-abolição, tendo como foco central a memória da comunidade Matinha dos Pretos.

METODOLOGIA

O trabalho está sendo desenvolvido, inicialmente, com a revisão da bibliografia e a realização de entrevistas com os/as moradores/as da localidade. Num segundo momento, faremos as transcrições e análise das mesmas entrevistas. Atentando a informações que possam nos remeter aos registros escritos (registros de terra, inventários, batismos, registros de nascimento, casamento, óbito, etc.) enfim, todo e qualquer registro que permita localizar indivíduos e contextos particulares. Por fim será criado o acervo com o conteúdo das entrevistas; transcrição, áudio e imagens, além de informações provenientes dos registros escritos acerca da localidade. Os trabalhos de Mattos (1999) e Mattos e Lugão (2005) apresentam sugestões metodológicas de grande valia para esta pesquisa uma vez que procuram cruzar registros orais com escritos propondo uma releitura da história da escravidão e do pós-abolição na perspectiva dos ex-cativos. Da mesma forma, Fraga (2006) propõe metodologia semelhante em seus estudos sobre o Recôncavo da Bahia, possibilitando, pela proximidade geográfica, sugestões de cunho metodológico e, igualmente, de abordagem do tema. O livro clássico de Paul Thompson auxilia na elaboração das estratégias de condução das entrevistas, bem como na reflexão mais profunda da relação pesquisador/a e entrevistados/as. Por tratar-se de uma pesquisa centrado num grupo etário particular – os mais velhos moradores da comunidade – o trabalho de Bosi (2004) oferece um apoio fundamental.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

A comunidade de Matinha, segundo relatos de moradores da localidade, surge de um quilombo que havia na localidade denominado à época de “matinha dos pretos” por estar localizado em uma área de mata densa, porém pequena (Nascimento, 97). Segundo relatos de moradores esse quilombo ficava dentro da propriedade do Sr. Antônio Alves. Seria então um quilombo de coiteiro – com a “concessão” do dono das terras - (REIS In: REIS E GOMES, 1996).

Sento Sé⁴ nos informa sobre a história da Fazenda Candeal, que segundo a relação de bens descrita no inventario realizado no ano de 1854, em decorrência da morte de José

⁴ Sé apud FREIRE, Luis Kleber Morais. Ficha de Leitura de Testamento e Inventário. Fonte: APEB. Classificação: 1/192/336/5.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

Vitorino de Oliveira, então proprietário da mesma, contaria com 11 senzalas e 27 escravos. A viúva de José Vitorino, Maria Alvina de Oliveira, casou-se pela segunda vez com João Vitorino Ferreiras Bastos e este, ao morrer em 1863, legou aos filhos a fazenda, contendo as mesmas 11 senzalas, mas um número inferior de escravos. Outro inventário datado de 1882, ano de falecimento de Elvira Bastos de Oliveira Borja, filha de João Vitorino e Maria Alvina, herdeira da Fazenda Candéal, indica a herança deixado para seus filhos a fazenda contendo agora somente 9 senzalas e 7 escravos. Nesta investigação pretendemos dar continuidade a busca de registros que vinculem a história da antiga Fazenda Candéal à formação da comunidade moderna da Matinha.

Na localidade de Jacu, pertencente atualmente ao distrito de Matinha, ocorreu na década de 1920 uma epidemia de Peste Bubônica que dizimou a população local. Sento Sé em seu trabalho de monografia de conclusão de curso, trata da epidemia como um dos marcos históricos da fundação da comunidade de Matinha, sede do atual distrito de Matinha, além do início do culto à São Roque, originado de uma promessa feita à São Roque por uma moradora da localidade de que se a epidemia não chegasse até o povoado ela mandaria fincar um cruzeiro em sua homenagem. O “fincamento” do cruzeiro é entendido por Sento-Sé como o marco fundador da Matinha, este teria dado origem ao núcleo de povoamento que originou a sede do distrito.

A análise de algumas entrevistas feitas pelo projeto Retratos da Matinha, realizado pelo Museu Casa do Sertão, com moradores da região, bem como uma entrevista feita nós com uma moradora da comunidade de Candéal⁵, nascida no ano de 1922, confirmam que a epidemia é um marco histórico para comunidade.. O jornal Folha do Norte publica, em diferentes edições, no período compreendido entre março e outubro de 1922, informações sobre como combater a peste, afirmando que os moradores da região urbana da cidade deveriam instruir o “*matuto*” alertando-o sobre como se prevenir da doença. O jornal traz uma série de três edições instruindo os leitores sobre como combater a peste, com o auxílio do *Dr. Pedro Américo* que encerra a série dizendo

Com este assumpto damos aos nossos leitores uma noção científica da peste e esperamos que cada qual empregue os meios prophylaticos já divulgados, afim de que se evite o mal que nos ameaça. Guerra aos animais vehiculadores dos insetos e guerra aos insetos e guerra aos insetos portadores e transmissores do micróbio⁶

A entrevista com Daria Lima tem ainda relevante contribuição na discussão sobre o período da escravidão, em que os moradores mais antigos são enfáticos em afirmar não conhecer ou não ter relação com o período do cativo, conforme trecho a seguir.

não, isso aí eu não alcancei não, eu via o povo falar desse cativo, mas eu não alcancei não, esse cativo eu não alcei não, eu via o povo falar desse cativo que tinha... que teve, mas eu não alcancei não, eu não alcancei não. Do cativo eu não sei contar não.

O trecho reforça a interpretação de Sento Sé⁷ ao analisar a não identificação das/os moradoras/es da localidade com o período da escravidão e/ou enquanto descendentes de

⁵ Entrevista realizada, com Daria Lima, moradora do Candéal II, distrito de Matinha – 02/02/2010.

⁶ Folha do Norte, 21 de outubro de 1922 – nº 653.

⁷ Sé, 2008, p. 27-28.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

escravizados.,embora afirmem ter havido o quilombo conforme fala Dona Antônia⁸ em entrevista cedida ao projeto *Retratos da Matinha* quando perguntada sobre o nome do local “É Matinha, Matinha dos Pretos. Agora os preto eu ao sei donde eram,os preto foi *caçado* aqui mesmo. Os preto era daqui mesmo que eles botou o nome da Matinha do Pretos.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura da bibliografia, as primeiras análises das entrevistas do projeto *Retratos da Matinha*, bem como o levantamento e análises de fontes orais e escritas, por nós empreendido nesta fase inicial da pesquisa, indica caminhos sugestivos para a investigação sobre a memória do quilombo da Matinha permitindo-nos maior compreensão do processo de ocupação das terras da antiga fazenda Candéal e de formação da comunidade da *Matinha dos Pretos*.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 12ª Ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.
- FRAGA, Walter. Encruzilhadas da Liberdade. Campinas: UNICAMP, 2006.
- FREIRE, Luiz Cléber Moraes. Nem Tanto a Terra, Nem tanto ao Mar: terra, gado e escravidão no Vale do Jacuípe (1833 – 1888). (dissertação de mestrado), UFBA: Salvador, 2007.
- NASCIMENTO, Maria Ângela Alves do. As práticas populares de cura no povoado de Matinha dos Pretos-BA. Tese de Doutorado, USP,Ribeirão Preto/ São Paulo, 1997.
- NASCIMENTO, Flaviane Ribeiro. E as mulheres da Terra de Lucas?Quotidiano e resistência de mulheres negras escravizadas (Feira de Santana, 1850-1888). Monografia de conclusão do curso de Licenciatura e História, UEFS-DCHF. Feira de Santana/Bahia, 2009.
- POPPINO, Rollie. Feira de Santana. Bahia: Editora Itapuã – Coleção Baiana, 1968.
- REIS,João José. Escravos e Coiteiros no Quilombo do Oitizeiro In: REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). (1996). *Liberdade por um fio*. Histórias dos quilombos no Brasil. - São Paulo: Cia. das Letras.
- RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe Maria. Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- SÉ, Frederico Nascimento Sento. Memórias da Matinha. Monografia de conclusão do curso de Licenciatura e História, UEFS-DCHF. Feira de Santana/Bahia, 2009.
- THOMPSON, Paul Richard. A voz do passado: história oral. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

⁸ Entrevista realizada por Odilon Sérgio com Dona Antônia na Matinha em 22/07/2007.